

Uma fogueira imensa devorou as matas;
o sol rachou a terra, em tûmidas feridas;
o céu, quente, bebeu as águas das cascatas
e a seiva que restou nas ramas retorcidas.

O silêncio envolveu as toras escarlatas,
no braseiro infernal das árvores caídas,
enquanto o camponês, queimando as alpercatas,
ria um riso imbecil, no esgar dos suicidas...

Vem a noite caindo, em tristíssimo alento;
e, nas asas da treva aproxima-se o vento,
perscrutando o horizonte, à procura da vida...

e, qual samaritano, vendo tal desgraça,
bem de leve e sereno o cenário perpassa,
como se o próprio Deus soprasse essa ferida...

Newton Meyer Azevedo, Caatinga, em
IV Prémio de Poesia Florbela Espanca, 2000

Se ouvires, a sonhar, uns vãos rumores,
não são as aves festejando o dia:
– são os últimos gritos que te envia
meu triste coração, morto de amores...

Se sentires uns tédios olores,
não penses que é o rosal que te inebria;
– é minh' alma nas ânsias da agonia
que, só por te beijar, se muda em flores...

Se vires baloiçar as niveas gazas
do dossel de teu leito, não te afoites,
nem te assustes, querida! São meus zeros
que vão, de leve, sacudindo as asas,
carinhosos, beijar todas as noites,
teus olhos, tua frente e teus cabelos...

Belmiro Braga, Soneto X de
Tarde Florida, 1923

Umbanda! Religião de paz da humanidade!
Universo de luz! Aruanda do amor!
Branca Flor de Liz que brotou da hostilidade
na infinita cadência da luz do Senhor!

Valente e rija fê inspiras a humildade!
Vaso de mirra e mel e bálsamo da dor!
O teu fadário é ser fonte de caridade,
tendendo corações aos pés do Bom Pastor!

Teu alvo rebanho, tão puro como a paz,
é um exemplo de amor e fé, sem fanatismo,
e o mensageiro de luz do pai Oxalá!

És alma luminar do casulo fuzgá!
e sagrada guardiã da luz do espiritismo!
Oh! Pousada do Ogum! Morada de Iemanjá!

Aristóteles Lcerda Júnior, Umbanda, em
Fanal 0108

Yo tengo un amigo muerto
que suele venir a ver:
mi amigo se sienta, y canta;
canta en voz que ha de doler.

“En un ave de dos alas
“bogo por el cielo azul:
“un ala del ave es negra,
“otra de oro Caribí.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos VIII (início)
José Martí Poesia Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

“El corazón es un loco
“que no sabe de un color:
“o es su amor de dos colores,
“o dice que no es amor.

“Hay una loca más fiera
“que el corazón infeliz:
“la que le chupó la sangre
“y se echó luego a reír.

Germán Echeverría Aros

La Gran Canaria se baña
en un mantón de manilla
una isla de mi España
linda flor de maravilla.

Cristina Aceves Colibrí

Eu gosto de navegar
nesse mar de azul infindo
formado por teu olhar.
Não existe mar mais lindo!

Gislaine Canales

Señor: no me dejes sola
como una isla en el océano
que el dolor es fiero ola
¡no me sueltes de tu mano!

Maria Elena Espinosa Mata

Na praia, a areia se esconde
ante uma onda incontida...
- Parece a ilusão, por onde
se derrama a própria vida!

Eduardo A. O. Toledo

Parte a jangada... incerteza...
e antes que a vela se solte,
na praia uma vela acesa
pede a Deus que a vela volte...

Izo Goldman

O meu amor desmeido,
sem ter cais para ancorar,
parece um barco perdido...
longe da praia... a vagar...

Maria Lua

En mi isla se acarician
las brisas que acarcean,
y los vientos que inician
las olas con la marea.

Eduardo Antonio Grau Sucre

O mar, num gemer sentido,
à praia abraçar-se vem;
e, eu sinto que o seu gemido,
geme em meu peito também!...

José Tavares de Lima

O mar agride o penhasco,
mas este, cheio de brio,
nem faz conta do carasso
e persiste em desafio.

Miguel Russowsky

É noite... A praia vencida
pelas caricias do mar,
se entrega ao sono, envolvida,
numa réstia de luar.

Elen de Novais Felix

Aquellos besos que tiernos
ayer me apasionaron
fueron crueles inviernos
que mi isla destrozaron.

Joselito Fernández Tapia

As praias, que são tão belas
quando o sol as incendeia,
transformam-se em passarelas
feitas de espuma e de areia.

Orlando Brito

O mar de um azul profundo
e as montanhas esverdeadas,
são belezas desse mundo,
precisam ser preservadas.

Eliana Ruiz Jimenez

El sol brinda su magia
a la isla de esplendor,
y la luna ya presagia
momentos de nuestro amor.

Libia Beatriz Carciofetti

En aguas frescas del océano
¡sila del amor, sin dueño!
mi albo corazón peruano
te encontré, como en un sueño.

Paul Torres

Isla alejada de amor
fue la prisión carcelaria
de hombres cuyo clamor
era la idea patriótica.

Germán Echeverría Aros

¡La Palma, isla tan bonita,
tú eres mi corazón,
eres mi patria infinita,
soy isleña con emoción!

Maria Cristina Galván

Te han causado una herida
mientras lloras tus penas;
isla mía, conmovida,
yo romperé tus cadenas.

Wigberto Méndez

I Concurso de Trovas de Balneário Camboriú, SC – Formatação de Carlos Leite Ribeiro, <http://carlosleite Ribeiro.portalcen.org>

O grande, na trajetória,
que palmilha passo a passo,
recebe em silêncio a glória
como recebe o fracasso.

Adélia Victória Ferreira, em
Fanal 9502

Barraco em chamas! Barulho...
Ninguém se fere. E o que resta
é um berço cheio de entulho,
e um guri que nem protesta...

Alba Christina, em
Fanal 0011

Longe dele a voz embargo
e abraçando a solidão
eu tomo meu mate amargo
na cuia do coração.

Analice Feitoza de Lima, em
Fanal 0103

Quanto mais o tempo passa,
mais insisto em afirmar
ser a família a argamassa
e alicerce do meu lar!

Darly O. Barros, em
Fanal 9502

Encanto existe e ele mora
nas curvas de um certo rio...
Pois quando a minha alma chora,
ele canta... e, enfim, sorrio.

Leonilda Hilgenberg Justus, em
Fanal 9512

A fila das caravelas
comandadas por Cabral
fez a ponte sem cancelas
do Brasil a Portugal.

Renata Paccola, em
Fanal 0009

Levas de gente a vagar,
insensíveis, tão ingratas!
Recebem beijos do mar;
jogam-lhe vidros e latas!

Wagner Marques Lopes, em
Trovalegre 0407

Bules de chá
amigos dividem o calor
numa noite fria.

Clicie Pontes

Desengonçado
o urubu anda sobre o lixo:
companhia do mendigo.

Eumice Arruda
SF9808

Boêmios da noite.
Envolve lâmpões da praça,
tênuce garoa.

Fanny Dupré
SF9904

Ao raiar da aurora
faiscam cristais na relva.
Sinais de geada.

Francisco Handa

Hoje, tão bom o tempo!
Dois lá, três cá, os banhistas
na praia de inverno.

H. Masuda Goga

Nuvens abraçadas
ao peçoço da montanha –
chega o vento frio.

Sérgio Dal Maso

Densa poluição
caminhando pelas ruas
garganta reclama...

Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO



(QUIDAI) INVERNO

Na hora do lanche, o aroma da macaxeira chamando a gente. Alba Christina	As calças grudentas incomodam ao vaqueiro... Tem capim-gordura. Fernando Vasconcelos	Frente fria instável frustra o homem do tempo: vai-se com o vento... Maria de Jesus B. de Mello
As patas-de-vaca fazem sombra na calçada morroro adulto. Amauri Amaral Campos	Penetrante frio. Céu cinzento avisa... Pego o cobertor. Flávio Velasco	Espocam foguetes... Um cheirinho apetitoso... Festa de pipoca! Maria Madalena Ferreira
Classe abandonada, uma festa na cantina. Dia do Estudante. Analice Feitoza de Lima	Fuzis nos ombros, a marcha é impecável. Dia do Soldado. Hélcio Durso	Na rua deserta o homem anda... encapotado. Árvores desnudas. Maria Reginato Labruciano
A enxada no ombro, na sacola a macaxeira, na face a alegria! Anita Thomaz Folmann	Na noite de inverno, televisão e pipoca, nos braços da amada!... Hermoclydes S. Franco	Dia do Soldado. Também do meu plantão. Festa no quartel. Nadyr Leme Ganzert
Jantar caprichado, filharada reunida. Dia do papai. Cecy Tupinambá Ulhôa	Árvore desnuda, nem sombra, nem frutos... nada. Seca demorada. Héron Patricio	Com bicho-de-pé, segue sofrendo e mancando. Menino descalço. Nilton Manoel Teixeira
Jardim seco borboleta perdida na sala pousa em flor de plástico. Devanil Caires	Não jardim há bom tempo. No jardim seco da rua, sinais de desleixo. Humberto Del Maestro	Dia do Soldado. Instrutor passa em revista: um batalhão mirim. Olíria Alvarenga
A seca maltrata. Todos estão preocupados. Rio minguante. Djalda Winter Santos	Temo o minhoto. Um turista nordestino elogia o clima... João Batista Serra	Na beira da estrada, morroro cheio de folhas. Farmácia caseira. Regina Célia de Andrade
Frente fria chega e o sol, ainda ilumina. Gente agasalhada. Edileine B. L. Pinto	Boiada dormindo no pasto capim-gordura. Matadouro à espera. Leonilda Hilgenberg Justus	Em frente à tevê, panelada de pipoca reúne a família. Renata Paccola
O cachecol colorido lentamente tinge a neblina e o espirito. Edmilson Felipe	Cás, toda de negro, visitando um mausoléu. Dia do Soldado. Manoel F. Menendez	Vento matinal. As pontas do cachecol vão me seguindo. Sérgio Francisco Pichorim
Pacientemente cipos -de-são-joão se enrosnam na árvore da frente. Fernando L. A. Soares	Há muito não chove não desabrocham as flores, o jardim seco. Maria App. Picanço Goulart	Um filho me agarra com medo do busca-pé – finjo ser durão. Sérgio de Jesus Luizato



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.08.04, quigos à escolha:
Capuchinha, Cascata, Siri.

Remeter até 30.09.04, quigos à escolha:
Dama-da-noite, El Niño, Véspera de Natal.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só treinando.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132

01150-011 - São Paulo, SP ou mfmnenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria autoria, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a háicu cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL ° – TREVOS PERSONAGEM *

Mas que terra boa! visitando um mausoléu. Qualquer tempo é tempo... Agostinho José de Souza	Pipocas antigas... Barulhinho desbancado pelo microondas. Alba Christina
Bichinho travesso, * coça, coça sem parar... micuim usado! Ailson Cardoso de Oliveira	O pai tem valor, ° não só no Dia dos Pais. Nos outros também. Albertina C. G. dos Santos

HAICUS



EM FOLHA

Por ruas desertas o passeio solitário do vento cortante... Darly O. Barros	Um vento cortante açoitava as ondas do mar que dançavam na praia. Amália Marie	No pátio da escola o saci abraça a iara. Dia do Folclore... Darly O. Barros
O vento cortante faz voar bola de gás. Garoto chorando. Renata Paccola	Um broto reluz, e o trigo em alto voo já promete o pão. Alba Christina	Um vento cortante arrepia a superfície da lagoa azul. Maria Reginato Labruciano
Mula-sem-cabeça assustado a criadação. Dia do Folclore. Renata Paccola	No broto de trigo, uma esperança de vida: – crianças com fome. Humberto Del Maestro	A cidade alegre comemora em trajes típicos Dia do Folclore. Alda Corrêa M. Moreira
Dia do Folclore: no teatrinho da escola, crianças e bruxas. Denise Cataldi	O broto de trigo, pelo sol iluminado, desperta sorrindo. Amália Marie	Um manto esverdeado encobre o marrom da terra. São brotos de trigo. Anita Thomaz Folmann
Dia do Folclore. O curupira na mata, vai deixando rastros. Analice Feitoza de Lima	Na paisagem árida o vento dirige o baile dos brotos de trigo... Darly O. Barros	Vento cortante virou o velho guarda-chuva, molhando a velhinha. Denise Cataldi
Festa no Nordeste: dança do bumba-meu-boi. Dia do Folclore. Flávio Ferreira da Silva	Danças suavemente embutadas pelo vento – os brotos de trigo. Maria Reginato Labruciano	Um vento cortante. As ruas estão vazias. Refúgio em casa. Alda Corrêa M. Moreira
Saci-perere, boitata e curupira. Dia do Folclore. Anelice Vilela Santos	No redemoinho o saci vem revirando Dia do Folclore. Amauri Amaral Campos	pelos alunos da escola: – Dia do Folclore! Humberto Del Maestro
Amanhecer em céu rosa e azul claro. Vento cortante. Manoel F. Menendez	Chão molhado e morno. Verde e viçoso, ressurge o broto de trigo. Roberto Resende Vilela	Trajes a caráter. Corpos seminus. Pintados. Dia do Folclore. Roberto Resende Vilela
Dança de fandang com tamancos de madeira. Dia do Folclore. Sérgio Francisco Pichorim	Barraco no morro. Onda de frio cortante fustiga meninos. Walma da Costa Barros	O vento faz ondas. Brotos de trigo. Manoel F. Menendez
Meio-dia plúmbeo. Passa, trazendo garoa, um vento cortante. Roberto Resende Vilela	Bandeiras tremulam ao som de alegres cantigas... Dia do Folclore!... Elen de Novais Felix	Dia do Folclore. Em volta de uma fogueira, você conta <i>causos</i> . Renata Paccola

De brancinhas flores, °
nasce a agrideoce pitanga
que morre em teus lábios...
Amália Marie

Poliuição. Descaso. °
Águas pedindo piedade.
Morte. Rio seco.
Angélica Vilella Santos

Raízes de aipim, °
minhocas fioje assustada:
– monstro minhocão!
Anita Thomaz Folmann

Café da manhã, °
Herança de pai e mãe de lá
aipim cozido.
Carlos Roque B. de Jesus

O rio minguante, *
fio de água escorrendo...
Já foi muito largo!
Cecy Tupinambá Ulhôa

Namorado chato °
que não larga do meu pé.
Sai, busca-pé!
Denise Cataldi

Café da manhã, °
Bem cozidinho... Bem tenro...
Aipim é gostoso!
Djalda Winter Santos

Nasceu caudaloso. ° Hoje é um rio minguante... Entulhos o sufocam. Edel Costa	Lua cheia * noite vazia busca-pé e alegria. Edmilson Felipe	Vou comer pipoca ° defronte à televisão; voltando à infância. Elen de Novais Felix	Hoje eu sou você... ° Amanhã, será meu filho... no Dia dos Pais... Erey M. M. de Faria	Da festa, o entra e sai * pequenos olhos contemplam... – Moleque sem pai. Fernando L. A. Soares	A pilha de lenha ° alimentando a fogueira... que também, se acaba. Fernando Vasconcelos	Aipim, no Nordeste, ° a comida verdadeira. O gosto da vida! Haroldo R. Castro
Uma oração, ° meu presente ao seu Dia: peço a Deus, meu pai... Mariemy Tokumu	Menina moça... ° Morango nos lábios. Pressa de crescer. Nadyr Leme Ganzert	Velhas labaredas * num postal do meu quintal fogueiras de sonho... Nilton Manoel Teixeira	A chuva benfazeja * dissipou a inversão térmica: céu azul, ar leve. Olga Amorim	Do campo de aipim ° saltam para a nossa mesa, delícias sem fim. Regina Célia de Andrade.	Retrato da morte: ° soma de todas as cores no urubu de luto!... Santos Teodósio	Árvore sem folhas, * os dois corações gravados ainda se amam? Sérgio Francisco Pichorim

A F O R N A L H A

David Thomas, em Ellery Queen – Mistério Magazine 7708

A cabine da locomotiva estava suja. O homem que operava a locomotiva era sujo. Jeff Adler não queria subir à cabine. E não ia apertar a mão daquele homem.

O homem era Joe, o maquinista. Ele estava emoldurado pela janela da cabine, suas mãos na válvula reguladora de pressão. O trem levava vagões repletos de açúcar de beterraba. Ele e Adler trabalhavam para a Companhia Açucareira Crystal Valey. Adler era administrador comercial da companhia.

Adler praguejou. Começou a andar em direção aos trilhos. Seus ouvidos captavam os gemidos de agonia que a locomotiva soltava enquanto puxava os vagões. Suava como um rapaz gordo que foi obrigado a correr 400m a grande velocidade. Logo, dois vagões estavam em posição debaixo do fornecedor de água. O jumento – que todo mundo chama de locomotiva – veio descansar e suspirava. Alguém precisava tira-lo dessa miséria. Adler pensou, enquanto subia os degraus de ferro. Ele entrou na cabine e encarou Joe.

– Se é sobre a bomba d'água, disse Adler, eu não posso fazer nada. Eu sei que a maldita caldeira pode explodir se não tiver água suficiente dentro dela. Eu já falei nisso. Mas essas peças são especiais e não foram obtidos fundos para bombas d'água. Então, eu não vou nem ouvir se você falar sobre isso!

Joe ficara olhando Adler durante toda a explicação. Agora Joe pestanejava e levantava sua mão enluvada. Iria Adler apertar sua mão? Ele não o fez. Joe disse, desculpe-me, senhor, e tirou a luva manchada de graxa, talvez pensando que Adler não quisesse tocar na roupa suja.

Adler murmurou *ok*, e apertou a mão do maquinista. O homem percebeu que o coração de Adler não queria isso. Adler mal conhecia Joe. Os dois viviam em mundos diferentes. Mas Adler conhecia a filha do maquinista. Intimamente.

– Eu soube o que aconteceu com Marcy, disse Adler. Foi muito ruim, disse, limpando a garganta. Eu sinto muito.

Mas ele não sentia muito. O suicídio de Marcy o surpreendera. Nada além disso.

– Sim, senhor, disse Joe. Desculpe-me.

Ele roçou em Adler, que deu alguns passos para trás, fugindo das roupas imundas do maquinista. Joe apertou uma alavanca ligada ao acoplador e puxou-a, libertando a locomotiva dos vagões de açúcar de beterraba.

– Como eu disse, sobre as peças – Adler adquiriu um tom de irritação – você vai ter que se virar sem elas.

– Desculpe-me, disse o maquinista. Ele levantou uma pá e mergulhou-a no depósito de carvão. Virando-se, abriu a porta da fornalha. Um cheiro de queimado encheu o ar. E tudo estava preto – a fornalha, a caldeira, as paredes da cabine – um preto quente. Joe jogou o carvão através da porta e aumentou as chamas.

– Infernal, não é? disse o maquinista.

Adler concordou com a cabca. Ele estava olhando o fogo.

– Não é sobre a bomba d'água, disse o maquinista. Mas agora que você mencionou-a, a bomba está em mau estado. Alguma coisa pode acontecer. Eu não queria ver essa lâmina explodir. Pode arrancar a medula dos seus ossos.

– Hum-hum, disse Adler, ainda com os olhos fixos no fogo.

– Joe fechou a porta da fornalha e ajustou uma alavanca no lado direito da cabine. Sua mão, então, apertou-se em redor da alavanca de regulagem. Ele puxou-a em direção do seu corpo e o jumento saltou para frente.

– Cuidado, gritou Adler.

Ele bateu as mãos enquanto caía contra as paredes da cabine.

– Desculpe, senhor, Joe gritou. Ele tinha que gritar. O jumento estava respirando muito forte.

Adler fez uma careta. Poeira de carvão cobria suas mãos. Um executivo bem-sucedido não deve sujar as mãos. Inferno, praguejou.

O jumento moveu-se, deixando os vagões e os homens que trabalhavam descarregando o açúcar de beterraba. Joe manejou a alavanca para a frente. O jumento diminuiu a marcha e hesitou.

Adler olhou fixamente o maquinista e gritou. Por que diabos você me chamou aqui afinal?

– É sobre Marcy, disse o maquinista. Sua mão penetrou dentro das roupas e retirou de lá um envelope. Ofereceu-o a Adler. Eu quero que você veja isso.

– E o que é isso? Adler perguntou sem pegar no envelope.

– É uma carta para você, uma carta de Marcy.

– De Marcy?

– É.

Adler desejava nunca mais ter nada a ver com Marcy. Ele a conhecera num piquenique da companhia. Ela era simples e ingênua. Ele fora feliz com ela, e isso era tudo.

– Quer pegar isso? disse o maquinista.

Com relutância, Adler aceitou o envelope. Na frente estava escrito *Para Jeff*, com uma letra feminina.

– Eu – eu encontrei naquela noite, disse o maquinista, a voz tremendo.

O envelope não estava selado. Adler retirou dele o que continha. Joe deixou aberta a porta da fornalha. Virou-se para Adler e disse: – Eu creio que é com isso que o inferno se parece. Adler franziu as sobrancelhas. Olhava as folhas de papel. Marcy tinha escrito em papel de carta comprado especialmente.

A saudação era *Meu querido Jeff*.

– Desculpe, o maquinista falou. Esfregou os olhos com as costas da mão enluvada. Graxa e lágrimas banhavam seu rosto. Pegando um tubo de óleo, ele disse: – Eu volto logo. Vou verificar o óleo das varas de conexão.

– Certo, disse Adler, sem tirar seus olhos da carta. Quando ouviu o som das botas do maquinista batendo no chão, disse a si mesmo: Marcy, sua pequena estúpida.

A primeira página contava como Marcy apaixonou-se por Adler no piquenique. Isso não o surpreendeu. Muitas mulheres, na opinião de Adler, apaixonavam-se por ele no primeiro encontro ou logo depois.

De acordo com a segunda página, Adler foi o único homem que ela amou. Sua estúpida garotinha, ele disse a si mesmo.

Adler caminhou até a janela da cabine e olhou para fora. Ele não viu Joe, então voltou à leitura. Na terceira página Marcy tinha escrito que Adler era o primeiro homem que fizera amor com ela. Inferno, eu sabia, pensou Adler. Ela estava com tanto medo.

Adler levantou a mão e limpou o suor de sua testa. O calor chegava forte até ele. Ele perguntou-se por que Joe tinha deixado aberta a porta da fornalha.

A quarta página contava como Adler rejeitara Marcy e seu plano de suicídio. Sem dúvida Marcy tinha gasto muitas horas escrevendo a carta, e sem dúvida, ela pretendia que a carta fizesse Adler se sentir culpado. Mas ela tinha julgado Adler muito mal. Ele sentia-se bem. Nunca nenhuma mulher tinha se suicidado por sua causa. A carta de Marcy o intoxicava. Em sua mente, a locomotiva fez um barulho confuso. Ele começou a ouvir mulheres suspirando.

– Dane-se o calor!, pensou.

Ele fechou a porta da fornalha. Onde o maquinista tinha ido? Adler lembrou-se de que ele tinha ido olhar o óleo dos pistões ou qualquer coisa parecida.

Foi então que Adler notou as duas páginas extras na carta. Elas eram de um papel barato. Dedos grossos cobertos de poeira de carvão tinham borrado as páginas. Centrado na primeira página e escrito em letra grosseira estava esta ordem: *Olhe o tubo de vidro engastado na caldeira*.

Sem questionar, Adler olhou o tubo.

Há água no tubo?, perguntava a sentença seguinte. Não, pensou Adler, não havia.

Ele olhou a última página. Uma sentença ocupava o centro da página. Dizia: *Você vai para o inferno*.

Na mente de Adler, as mulheres pararam de suspirar. O maquinista tinha escrito as últimas duas páginas. O tubo de vidro sem água significava perigo. Não havia água suficiente na caldeira. Ao invés de fugir, Adler imaginou lagostas sendo atiradas vivas em água fervendo. Uma coisa doida para imaginar.

A lâmina, o metal que separava o topo da fornalha e a caldeira, cedeu. O vapor, selvagem e claro, envolveu Adler, cozinhou-o e arremessou-o para o fundo da cabine.

Nem a polícia nem a companhia suspeitaram do crime. O calor intenso consumiu a carta de Marcy. O que sobrou do jumento foi vendido como sucata. Naturalmente a Companhia Açucareira Cristal Valley abriu um inquérito. Eu sinto muito mesmo por Mr. Adler, disse Joe aos examinadores. Mas a bomba d'água necessitava de peças novas. E eu disse isso a ele.

Hiroxima: em 06 de agosto de 1945, caiu-lhe a bomba A, às 8:15h; 12km da cidade foram destruídos: 130.000 vítimas, sendo 80.000 fatais.

A hora da partida soa quando escurece o jardim e o vento passa, estala o chão e as portas batem, quando a noite cada não em si deslacha.

A hora da partida soa quando as árvores parecem inspiradas como se tudo nelas germinasse.

Soa quando no fundo dos espelhos me é estranha e longínqua a minha face e de mim se desprende a minha vida.

Sophia de Mello Breyner 1919-2004
Apontamento de Carlos Leite Ribeiro

Pensem nas crianças mudas telepáticas pensem nas meninas cegas inexatas pensem nas mulheres rotas alteradas pensem nas feridas como rosas cálidas mas oh não se esqueçam da rosa da rosa da rosa de Hiroxima a rosa hereditária a rosa radioativa estúpida e inválida a rosa com cirrose a anti-rosa atômica sem cor sem perfume sem rosa sem nada.

Vinicius de Moraes, A Rosa de Hiroxima; em Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século, de Italo Moriconi, 2001
www.objetiva.com.br

Quando as chamas não são extintas, lacunas se ampliam pela falta de respostas. A busca se faz ansiosa em meio as tênues expectativas do que poderá vir a ser, enfermo crônico do não vivido.

Ao longo de estradas movedeças, quimeras se hipertrofiam em oásis que se repetem. A capacidade de espera não é infinita, mas a ela me apego quando as chamas que ainda me restam queimam teu retrato em minhas mãos.

Luiz Gondim de Araújo Lins, Quimeras; Seleta de Versos e Prosa Volume 17, Associação São-Luizense de Autores – Asas, Rua São João 1514, Sala 8, CEP 97800-000 – São Luiz Gonzaga, RS – (0-55) 3352-2504

Na nova família são todos iguais: mesmo berço mesmo bico mesmo branco (de penas)

De singular só uma saudade: charme e vantagem dos tempos à margem.

O Patinho Feio

O menino solta balões devolvendo o fogo aos céus Zeus iluminado perdoa

Prometeu

Mil anos depois levanta-se a bela sem beijos de alarme limpa o pó dos lábios conta as rugas no espelho:

– Onde era o castelo? De que cor meu cabelo? Com o que foi mesmo que eu sonhei?

para Bel A Bela Adormecida

A nódoa azul nos pães da véspera um resto de orvalho na pólvora agora o leite coalhado na teta órfã sustos ante o quê por úmido estraga ou floresce.

Risco

Contra as baratas que virão pela noite na surdina ardem sempre sob a pálpebra esferas de naftalina.

Sonhos (estrofe final)

Fabio Weintraub, de Sistema de Erros, 1996

Ó, você, apaixonado!
quando da separação,
passa a ser o bem amado
um alguém na multidão!

Manoel F. Menendez, Dr. Jivago